



Universidade do Minho

Escola de Engenharia

Departamento de Informática

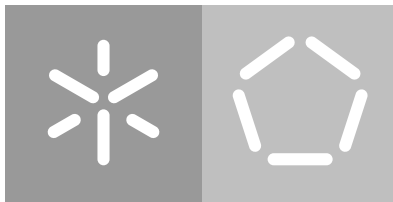
Pedro M. Silva

First Part of Title

Second Part of Title

**Criação de acompanhamentos e
e teclados musicais programáveis**

January 2020



Universidade do Minho

Escola de Engenharia

Departamento de Informática

Pedro M. Silva

First Part of Title
Second Part of Title

**Criação de acompanhamentos e
e teclados musicais programáveis**

Master dissertation

Master Degree in Computer Science

Dissertation supervised by

The Supervisor of the thesis

The cosupervisor of the thesis

January 2020

ACKNOWLEDGEMENTS

Write acknowledgements here

ABSTRACT

Write abstract here (en) or import corresponding file

RESUMO

Escrever aqui resumo (pt) ou importar respectivo ficheiro

CONTENTS

1	INTRODUCTION	1
2	ESTADO DA ARTE	2
2.1	Trabalho Relacionado	2
2.1.1	Alda	2
2.1.2	ABC Notation	3
2.1.3	Faust	4
2.1.4	Sonic Pi	6
2.2	Gramáticas	7
2.2.1	Diferenças: CFG vs PEG	7
2.3	SoundFonts	9
2.4	Sintetizadores	9
2.4.1	Inicialização	10
2.4.2	Utilização	10
3	O PROBLEMA E OS SEUS DESAFIOS	12
3.1	Solução Proposta	12
3.1.1	Gramática da Linguagem	14
3.1.2	Arquitetura do Sistema	18
4	PLANEAMENTO	21
5	CONCLUSION	22
5.1	Conclusions	22
5.2	Prospect for future work	22
A	SUPPORT MATERIAL	24

LIST OF FIGURES

Figure 1	Arquitectura Geral do Projeto	18
Figure 2	Arquitectura do Interpretador	19
Figure 3	Calenderização Prevista	21

LIST OF TABLES

INTRODUCTION

O objetivo deste trabalho é estudar e prototipar formas de criação de música com recurso a técnicas habitualmente usadas na criação de *software*. Para além de permitir criar música através das notas introduzidas manualmente, a linguagem deve facilitar a geração de música de um modo mais dinâmico, com recurso a operações de combinação e transformação de notas.

O termo música neste contexto é usado num sentido mais amplo que apenas sons. O objetivo desta linguagem é permitir gerar vários *outputs* através do mesmo código fonte, como pautas musicais, ABC, WAV, MIDI, entre outros.

Uma das partes mais críticas relativas à pesquisa e desenvolvimento necessários para a realização da linguagem é a componente temporal implícita em todos os aspetos da linguagem: deve ser possível de um modo intuitivo expressar as várias composições possíveis de notas sem ser necessário expressar os tempos manualmente, tais como notas sequenciais, notas em paralelo, pequenas pausas e grandes pausas, bem como sincronizar partes da música de modo simples.

ESTADO DA ARTE

Atualmente a produção de música é realizada utilizando programas com interfaces gráficas, geralmente denominados como [Digital Audio Workstation \(DAW\)](#). A minha abordagem irá consistir em estudar formas de criar e tocar ao vivo músicas (e não só) através de uma [Domain Specific Language \(DSL\)](#), usando técnicas inspiradas nas linguagens de programação e no desenvolvimento de *software*.

2.1 TRABALHO RELACIONADO

Existem diversos tipos de linguagens usadas atualmente para produzir ou simplesmente descrever música. Algumas fazem uso do conceito de notas musicais, com recurso a algum sintetizador externo, para gerar os sons, enquanto outras funcionam com base na manipulação direta de ondas de som digitais para criar música. Algumas suportam apenas a descrição estática da música, enquanto outras permitem formas dinâmicas tais como funções, variáveis, estruturas de controlo e repetição, ou até mesmo algoritmos aleatórios que permitem gerar músicas diferentes a cada execução.

Iremos de seguida analisar algumas das soluções disponíveis atualmente, bem como comparar as funcionalidades que cada uma oferece ou não oferece em relação aos objetivos deste projeto.

2.1.1 *Alda*

O projeto **alda**[1] é uma linguagem de música textual desenvolvida em *JAVA* focada na simplicidade: o seu maior ponto de atração é apelar tanto a programadores com pouca experiência musical, bem como a músicos com pouca experiência com programação. Apesar de ser anunciada como direcionada tanto a músicos como a programadores, a linguagem não suporta nenhum tipo de construções dinâmicas, como ciclos ou funções. Este tipo de funcionalidades, se necessário, requer o uso de uma linguagem de programação por cima, que poderia por exemplo, gerar o código *alda* em *runtime* através da manipulação de *strings*.

Exemplos

O exemplo seguinte demonstra um simples programa escrito em *alda*, demonstrando: a seleção de um instrumento (piano:), a definição da oitava base (o3), um acorde com quatro notas (c1/e/g/>c4) em que a última se encontra uma oitava acima das outras.

```
piano: o3 c1/e/g/>c4 < b a g | < g+1/b/>e
```

Listing 2.1: Exemplo da linguagem alda

É também possível verificar o uso de acidentais (identificados pelos símbolos + ou - a seguir a uma nota) bem como a diferenciação da duração de algumas notas (identificadas pelos números em frente às notas).

2.1.2 ABC Notation

A notação **ABC**[2] é uma notação textual que permite descrever notação musical. É bastante completa, tendo formas de descrever notas, acordes, acidentais, uniões de notas, *lyrics*, múltiplas vozes, entre outros.

Para além da exaustividade de sintaxe que permite descrever quase todo o tipo de música, a popularidade da linguagem também significa que existem já inúmeros conversores de ficheiros ABC para os mais diversos formatos, desde ficheiros MIDI, pautas musicais, ou mesmo ficheiros WAV (gerados através do fornecimento de um ficheiro SoundFont, por exemplo).

A complexidade da notação traz tanto vantagens como desvantagens, no entanto: A sua ubiquidade significa que uma maior percentagem de utilizadores já se pode sentir à vontade com a sintaxe, o que não acontece com outras linguagens menos conhecidas. Mas por outro lado, conhecer ou implementar toda a especificação [3] é uma realização bastante difícil.

No entanto, tal como a linguagem *ALDA*, as músicas definidas são estáticas, pelo que não serve como uma linguagem de programação de músicas dinâmicas. Ainda assim, apesar de implementar toda a notação ser algo pouco prático, implementar um *subset* da notação, contendo as construções mais usadas seria uma vantagem enorme que me permitiria aproveitar a familiaridade de muitos utilizadores com sintaxe, mesmo que não fosse a sintaxe completa.

Exemplos

A sintaxe de um ficheiro *ABC* é composta por duas partes: um cabeçalho onde são definidas as configurações da música atual, seguido pelo corpo da música. O cabeçalho é formado por uma várias linhas. Cada linha, em *ABC* chamada de campo, tem uma chave e um valor separados por dois pontos (:). A especificação da notação descreve bastantes campos

possíveis, mas os mais usados são: **X** (número de referência), **T** (título), **M** (compasso), **L** (unidade de duração de nota) e **K** (clave).

```
C, D, E, F, | G, A, B, C | D E F G | A B c d | e f g a | b c' d' e' | f' g' a' b' | ]
```

Listing 2.2: Exemplo da notação ABC

No exemplo acima podemos ver uma escala completa das notas (sem acidentais). O chamado C médio é representado por um *c* minúsculo (a capitalização das letras muda o significado). Para subir uma oitava, podemos anotar as notas com um apóstrofo (*c'*). As oitavas subsequentes são anotadas por mais apóstrofes. Pelo contrário, para baixar uma oitava, devemos usar primeiro a nota em maiúscula (*C*). As oitavas anteriores são identificadas por uma vírgula a seguir à nota com letra maiúscula (*C,*).

```
A/2 A/ A A2 _A _A =A ^A ^^A [CEGc] [C2G2] [CE][DF]
```

Listing 2.3: Exemplo da notação ABC

A duração das notas pode ser ajustada relativamente à unidade global definida no cabeçalho acrescentando um número (por exemplo **2**) ou fração **1/4** à nota. Os acidentais bemol, bequadro e sustenido podem ser adicionados acrescentando um *_*, *=* e *^* antes da nota, respetivamente. Acordes (notas tocadas ao mesmo tempo) podem ser definidas entre parênteses retos ([e]).

A notação disponibiliza muitos mais exemplos de todas as funcionalidades aceites no seu website[4].

2.1.3 *Faust*

A linguagem **Faust**[5] é uma linguagem de programação funcional com foco na sintetização de som e processamento de áudio. Ao contrário das linguagens analisadas até agora, não trabalha com abstrações de notas e elementos musicais. Em vez disso, a linguagem trabalha diretamente com ondas sonoras (representadas como *streams* de números) e através de expressões matemáticas, permite assim manipular o som produzido.

Um dos pontos fortes da linguagem é o facto da sua arquitetura ser construída de raiz para compilar o mesmo código fonte em várias linguagens. De facto, o projeto conta com várias dezenas de *targets*, desde os mais óbvios (C, C++, Java, JavaScript) até alguns mais especializados (WebAssembly, LLVM Bitcode, instrumentos VST/VSTi). Também permite gerar aplicações *standalone* para as bibliotecas de áudio mais comuns[6].

A linguagem vem embutida com uma biblioteca extremamente completa[7] que implementa, entre muitas outras, funções de matemática comuns, filtros audio, funcionalidades extremamente básicas de interfaces gráficas que permitem controlar em tempo real os valores do programa (com botões e *sliders* entre outros).

Exemplos

A documentação do projeto conta com uma quantidade abundante de exemplos[8] e com um tutorial para iniciantes à [9], do qual irei colocar aqui alguns pequenos pedaços de código que demonstram algumas das capacidades da linguagem.

```
import("stdfaust.lib");
process = no.noise*0.5;
```

Listing 2.4: Geração de ruído aleatório com volume a metade

No primeiro exemplo, podemos ver a estrutura mais básica de um programa escrito em *Faust*. Na primeira linha é importada a biblioteca *standard* da linguagem. Na segunda linha podemos ver a *keyword* **process**, que representa o *input* e *output* audio do nosso programa. Finalmente, em frente a essa *keyword* podemos ver a expressão `no.noise*0.5`. Isto demonstra a utilização de construções da biblioteca *standard*, como o gerador de ruído, bem como a utilização de operadores matemáticos usuais (neste caso a multiplicação) para manipular o audio, e diminuir o volume para metade.

```
import("stdfaust.lib");
ctFreq = 500;
q = 5;
gain = 1;
process = no.noise : fi.resonlp(ctFreq,q,gain);
```

Listing 2.5: Geração de ruído aleatório com um filtro *low-pass*

Neste exemplo, estamos a usar o operador `:` para canalizar o output do gerador de ruído para um filtro *low-pass*, que filtra todas as frequências acima de um valor de corte (a variável `ctFreq`). Aumentar esta variável resulta num som mais agudo, enquanto que ao diminui-la obtemos um som mais grave (pois o valor de corte é mais baixo, apenas os sons abaixo desse valor são passados).

```
import("stdfaust.lib");
ctFreq = hslider("[0]cutoffFrequency",500,50,10000,0.01);
q = hslider("[1]q",5,1,30,0.1);
```

```
gain = hslider("[2]gain",1,0,1,0.01);
t = button("[3]gate");
process = no.noise : fi.resonlp(ctFreq,q,gain)*t;
```

Listing 2.6: Geração de ruído aleatório com um filtro *low-pass* controlada por uma interface

Por fim podemos ver um exemplo igual ao anterior, mas em vez de ter os valores das variáveis estáticas (guardados nas variáveis `ctFreq`, `q` e `gain`), estes são controlados em tempo real pela interface definida pelas chamadas à função `hslider`. Foi também adicionada uma variável `t` com um botão *"gate"*. Este produz o valor 1 quando está solto, e o valor 0 quando está pressionado, valor que quando multiplicado pelo resto da expressão serve efetivamente como um *on-off switch* para todo o sistema.

2.1.4 Sonic Pi

Possivelmente a linguagem que mais se aproxima do objetivo pretendido com este projeto, **Sonic Pi**^[10] descreve-se como uma ferramenta de código para a criação e performance de música.

A linguagem permite tocar notas (e também construções mais complexas a partir das mesmas, tais como acordes, arpeggios e escalas, por exemplo). Para além disso permite tocar *samples*, que são ficheiros [Waveform Audio File Format \(WAV\)](#). A linguagem traz já consigo aproximadamente 164 *samples* que podem ser livremente usadas, mas é também possível ao utilizador usar as suas.

As músicas são compostas por **live loops**, que são grupos de sons. É possível ter vários *live loops* a tocar simultaneamente. Dentro de cada *live loop* o utilizador pode usar a função `play` para tocar notas, `sample` para reproduzir ficheiros [WAV](#), ou `sleep` para avançar o tempo. Para além disso, a linguagem suporta através da função `with_fx` a reprodução de sons com efeitos (como *reverb*, *pan*, *echo* entre muitos outros^[11]).

Para além das capacidades musicais, a linguagem disponibiliza numa sintaxe similar a *Ruby* construções de programação como ciclos, variáveis, estruturas de controlo, e até métodos para adicionar aleatoriedade à música tocada, permitindo escolher, por exemplo, qual a nota a tocar a seguir de uma lista de possibilidades.

Apesar de todas estas funcionalidades disponibilizadas, existem áreas onde o *Sonic Pi* fica aquém dos objetivos pretendidos para este projeto. Por exemplo, apesar de permitir tanto receber como enviar eventos [MIDI](#), as suas capacidades de [Input/Output \(I/O\)](#) ficam por aqui. Também não é possível por omissão utilizar o teclado do computador para tocar ou provocar ações. É possível fazê-lo, mas é bastante mais complicado do que seria de esperar (para além de exigir programar noutra linguagem).

Exemplos

```

loop do
  sample :perc_bell, rate: (rrand 0.125, 1.5)
  sleep rrand(0, 2)
end

```

Listing 2.7: Reproduzir um *sample* com valores aleatórios

```

with_fx :reverb, mix: 0.2 do
  loop do
    play scale(:Eb2, :major_pentatonic, num_octaves: 3).choose, release: 0.1, amp: rand
    sleep 0.1
  end
end

```

Listing 2.8: Reproduzir um notas de uma escala aleatórias, com efeito *reverb***2.2 GRAMÁTICAS**

Para além dos aspetos técnicos da geração e reprodução de música já abordados neste relatório, existe também um componente fulcral relativo à análise e interpretação da linguagem que irá controlar a geração dos sons. Uma das primeiras decisões a ser tomada diz respeito à escolha do *parser*, e possivelmente, do tipo de gramática que irá servir de base para a geração do mesmo.

Tradicionalmente, as gramáticas mais populares no campo de processamento de texto tendem a ser **Context Free Grammar (CFG)**, que são usadas como *input* nos geradores de *parser* mais populares (Bison/YACC, ANTLR). Existem no entanto alternativas, algumas mais recentes, como as **Parsing Expression Grammar (PEG)**, que trazem consigo diferenças que podem ser consideradas por alguns como vantagens ou desvantagens.

2.2.1 Diferenças: CFG vs PEG

A diferença com maiores repercussões práticas entre as duas classes de gramáticas deve-se à semântica atribuída ao operador de escolha, e a consequente **ambiguidade** (ou falta dela) na gramática. Nas gramáticas **PEG**, o operador é ordenado, o que significa que a ordem porque as alternativas aparecem é relevante durante o *parse* do *input*. Isto contrasta com a semântica nas **CFG**, onde a ordem das alternativas é irrelevante. Isto pode no entanto levar

a ambiguidades, onde o mesmo *input*, descrito pela mesma gramática, pode resultar em duas árvores de *parsing* diferentes. Isto é, as CFG podem por essa razão ser ambíguas.

Tomemos como exemplo o famoso problema do *dangling else*[12] descrito nas duas classe de gramáticas:

```
if (a) if (b) f1(); else f2();
```

Listing 2.9: Gramática

```
statement = ...
  | conditional_statement

conditional_statement = ...
  | IF ( expression ) statement ELSE statement
  | IF ( expression ) statement
```

No caso de uma CFG, sabendo que o operador de escolha | é comutativo, o seguinte *input* será ambíguo, podendo resultar num *if-else* dentro do *if* ou num *if* dentro de um *if-else*.

Mas no caso de uma PEG, o resultado é claro: um *if-else* dentro de um *if*. Quando a primeira regra do condicional chega ao *statement*, este vai por sua vez chamar o não terminal *conditional_statement*, que por sua vez irá consumir o *input* até ao fim. Deste modo, quando a execução voltar ao primeiro *conditional_statement*, esta irá falhar por não conseguir ler o *else* (uma vez que já consumimos todo o texto de entrada). Deste modo irá usar a segunda alternativa, dando então o resultado previsto.

Com este exemplo de *backtracking* podemos também verificar um problema aparente nas gramáticas PEG. Falhando a primeira alternativa na produção *conditional_statement*, a segunda irá ser testada. Mas é evidente, olhando para a gramática que a segunda alternativa é exatamente igual à parte inicial da primeira alternativa (que neste caso também corresponde á parte que teve sucesso). Em vez de voltar a testar as regras de uma forma *naïve*, as *Parsing Expression Grammar* guardam antes em *cache* os resultados de testes anteriores, permitindo assim uma pesquisa em tempo linear relativamente ao tamanho do *input*, à custa de uma maior utilização de memória.

Resumo

Em resumo, as três principais diferenças entre as tradicionais *Context Free Grammar* (CFG) e as mais recentes *Parsing Expression Grammar* (PEG) são:

Ambiguidade. O operador de escolha ser comutativo nas CFG resulta em gramáticas que podem ser ambíguas para o mesmo *input*. As PEG são determinísticas, mas exigem mais cuidado na ordem das produções, uma vez que tal afeta a semântica da gramática.

Memoization Para evitar *backtracking* exponencial, as PEG utilizam *memoization* que lhes permite guardar em *cache* resultados parciais durante o processo de *parsing*. Isto reduz o tempo dispendido, pois evita fazer o *parse* do mesmo texto pela mesma regra duas vezes. Mas também aumenta o consumo de memória, pois os resultados parciais têm de ser guardados até a análise terminar por completo.

Composição As *Parsing Expression Grammar* também têm a vantagem de oferecerem uma maior facilidade de composição. Em qualquer parte da gramática é possível trocar um terminal por um não terminal. Isto é, é extremamente fácil construir gramáticas mais modulares e compô-las entre si.

2.3 SOUNDFONTS

O formato *SoundFont* foi originalmente desenvolvido nos anos 90 pela empresa E-mu Systems para ser usado inicialmente pelas placas de som *Sound Blaster*. Ao longo dos anos o formato sofreu diversas alterações, encontrando-se atualmente na versão 2.04, lançada em 2005[13]. Atualmente existem diversos sintetizadores de software *cross platform* e *open source* capazes de converterem eventos *MIDI* em som usando ficheiros *SoundFont*, dispensando a necessidade de uma placa de som compatível com o formato. Alguns destes projetos são TiMidity++, WildMIDI e FluidSynth.

Para além do formato original, existem também alternativas mais recentes que disponibilizam mais funcionalidades na sua especificação, como os ficheiros **SFZ** ou **NKI**. Estas alternativas trazem consigo vantagens e desvantagens, mas independentemente dos seus méritos, até agora nenhuma tem a popularidade dos ficheiros *SoundFont*, o que significa também menos bibliotecas e menos aplicações para trabalhar com elas.

Um ficheiro de *SoundFont* é constituído por um ou mais bancos (*banks*) (até um máximo de 128). Cada banco pode por sua vez ter até 128 *presets* (por vezes também chamados instrumentos ou programas).

2.4 SINTETIZADORES

A biblioteca FluidSynth é um *software* sintetizador de áudio em tempo real que transforma dados *MIDI* em sons, que podem ser gravados em disco ou encaminhados diretamente para um *output* de áudio. Os sons são gerados com recurso a *SoundFonts*[13] (ficheiros com a extensão *.sf2*) que mapeiam cada nota para a gravação de um instrumento a tocar essa nota.

Os *bindings* da biblioteca para Python foram baseados no código *open source* do projeto **pyfluidsynth**[14], juntamente com algumas definições CPython extra para usar funções que não tivessem *bindings* criados.

2.4.1 Inicialização

Para utilizar a biblioteca FluidSynth, existem três objetos principais que devem ser criados: `Settings` (`fluid_settings_t*`), `Synth` (`fluid_synth_t*`) e `AudioDriver` (`fluid_audio_driver_t*`).

O objecto **Settings**[15] é implementado com recurso a um dicionário. Para cada chave (por exemplo, “audio.driver”) é possível associar um valor do tipo inteiro (`int`), *string* (`str`) ou *double* (`num`). Alguns valores podem ser também booleanos (`bool`), no entanto eles são armazenados como inteiros com os valores aceites sendo apenas 0 e 1.

O objeto **Synth** é utilizado para controlar o sintetizador e produzir os sons. Para isso é possível enviar as mensagens MIDI tais como `NoteOn`, `NoteOff`, `ProgramChange`, entre outros.

O terceiro objeto **AudioDriver** encaminha automaticamente os sons para algum *audio output*, seja ele colunas no computador ou um ficheiro em disco. Os seguintes *outputs* são suportados pela biblioteca:

LINUX: jack, alsa, oss, PulseAudio, portaudio, sdl2, file

WINDOWS: jack, PulseAudio, dsound, portaudio, sdl2, file

MAX OS: jack, PulseAudio, coreaudio, portaudio, sndman, sdl2, file

ANDROID: opensles, oboe, file

2.4.2 Utilização

Com os objetos necessários inicializados, é necessário ainda especificar qual (ou quais) a(s) *SoundFont(s)* a utilizar. Para isso podemos chamar o método `Synth.LoadSoundFont` que recebe dois argumentos: uma *string* com o caminho em disco do ficheiro *SoundFont* a carregar, seguido dum booleano que indica se os *presets* devem ser atualizados para os da nova *SoundFont* (isto é, atribuir os instrumentos da *SoundFont* aos canais automaticamente).

A função `Synth.NoteOn` recebe três argumentos: um inteiro a representar o canal, outro inteiro entre 0 e 127 a representar a nota, e finalmente outro inteiro também entre 0 e 127 a representar a velocidade da nota.

O canal (**channel**) representa qual o instrumento que vai reproduzir a nota em questão. Cada canal está atribuído a um programa da *SoundFont*, e é possível a qualquer momento mudar o programa atribuído a qualquer canal através do método `Synth.ProgramChange`. Caso se tenha carregado mais do que uma *SoundFont*, é possível usar o método `Synth.ProgramSelect`, que permite especificar o id da *SoundFont* e do banco do instrumento a atribuir.

A chave (**key**) representa a nota a tocar. Sendo este valor um inteiro entre 0 e 127, é necessário saber como mapear as tradicionais notas musicais neste valor. Para isso, basta colocarmos as *pitch classes* e os seus respectivos acidentais *sharp* numa lista ordenada (C, C#, D, D#, E, F, F#, G, G#, A, A#, B) e associar a eles os inteiros entre 0 e 11 (inclusive). Depois apenas temos de somar a esse número a multiplicação da oitava da nota (a

começar em o) por 12. Podemos deste modo calcular, por exemplo, que a *key* do C central (C4) é igual a 48 ($0 + 4 * 12$). Assim, podemos generalizar que para uma oitava O e para um tom de nota N , obtemos a chave aplicando a fórmula:

$$N + O * 12$$

A velocidade (**velocity**) é também um valor entre 0 e 127. Relacionando a velocidade com um piano físico, esta representa a força (ou velocidade) com que a tecla foi premida. Velocidades maiores geram sons mais altos, enquanto que velocidades mais baixas geram sons mais baixos, permitindo assim ao músico dar ou tirar ênfase a uma nota relativamente às restantes. De notar que um valor igual a zero é o equivalente a invocar o método `Synth.NoteOff`.

A método `Synth.NoteOff`, por sua vez, recebe apenas dois argumentos (canal e chave), e deve ser chamada passado algum tempo para terminar a nota. Podemos deste modo construir a analogia óbvia que o método `NoteOn` corresponde a uma tecla de piano ser premida, e `NoteOff` corresponde a essa tecla ser libertada.

O PROBLEMA E OS SEUS DESAFIOS

Desenhar esta [Domain Specific Language \(DSL\)](#) trás consigo os problemas comuns ao desenho de linguagens de programação, bem como desafios novos e únicos. O primeiro de desafios é algo já bastante estudado pela miríade de linguagens de programação, tanto industriais como académicas, que já foram desenvolvidas. Neste projeto serão focados com mais detalhe os desafios resultantes da integração da componente musical na linguagem.

O primeiro desses desafios é a introdução de um novo tipo de dados primitivo não existente na maioria das outras linguagens: **Música**. Este tipo de dados trás consigo a necessidade implícita de gerir o conceito de **tempo** na linguagem, tanto na geração de música *realtime* como *offline* (em que o tempo a que a música está a ser gerada pode ser mais rápido ou mais lento do que o tempo real). Este conceito de tempo também acaba por escapar para o campo da gramática e da sintaxe da linguagem, necessitando de uma forma de descrição do mesmo que seja flexível, mas não demasiado verbosa ou difícil de ler.

Ainda relacionado com o tipo de dados Música, também é importante pensar em como o representar, e os casos que deve cobrir. Para este fim, acho que é importante a linguagem permitir gerar sons **potencialmente infinitos**. Esta funcionalidade não é tão útil no campo da geração de música *offline*, mas é extremamente útil quando a música está a ser gerada em tempo real, e possivelmente a ser controlada por um utilizador através do teclado, permitindo começar a tocar música gerada proceduralmente, e deixá-la tocar durante o tempo que for necessário. Como tal é necessário pensar em qual a implementação de todo o código depende deste ponto.

3.1 SOLUÇÃO PROPOSTA

A linguagem irá ser desenvolvida em *Python*. A linguagem irá ser extensível, permitindo ao utilizador definir objetos ou funções em *Python* e expô-los para dentro da linguagem, dando assim acesso à grande quantidade de módulos já existentes para os mais variados fins.

Como exemplo da extensibilidade da linguagem, irá também ser desenvolvido por cima dela uma biblioteca de construção de teclados virtuais que permitem associar a eventos de teclas notas ou sequências musicais, ou mesmo instruções a serem executadas na linguagem.

Para resolver o problema da representação do tempo, toda a linguagem irá ter noção desse conceito, mesmo que apenas algumas construções o utilizem. Isto significa que durante toda a execução, haverá uma variável de **contexto** que será implicitamente passada para todas instruções e todas as chamadas de funções que, entre outras coisas, irá manter registro da passagem do tempo. Desta forma os construtores que precisarem dele, como por exemplo a emissão de notas musicais, podem aceder ao tempo atual bem como modificá-lo.

A existência deste **contexto** implícito significa que as funções *Python* não podem ser expostas diretamente para a linguagem, mas graças à expressividade do *Python* é possível uma *Foreign Function Interface* que seja incrivelmente simples de usar e que evite que o utilizador tenha de mapear as funções manualmente. Em vez disso, pode simplesmente marcá-las como sendo **context-free** (funções que não têm noção da existência do contexto implícito), e elas serão então tratadas de forma apropriada.

O tipo de dados **Música** irá ser implementado sobre o conceito de iteradores (e mais especificamente geradores) fornecido pelo *Python* para tornar a criação de música *lazy*. No entanto, este paradigma deve ser completamente opaco para o utilizador da linguagem: a decisão de usar o modelo de execução normal, ou funções geradores deve ser tomado em segundo plano pelo motor de execução da linguagem, sempre que este for necessário. Isto é, ao contrário do que a maioria das linguagens exige para a utilização de geradores (onde o utilizador tem de declarar explicitamente que quer "emitir" um valor através de alguma *keyword*, geralmente *yield*), na nossa linguagem sempre que alguma função produzir um valor do tipo de música que não seja consumido de alguma forma (atribuído a uma variável ou passado a uma função, por exemplo), esse valor musical é **implicitamente emitido** para o gerador, uma vez que esse caso será o mais comum. Para evitar que o valor seja emitido, é necessário **descartá-lo manualmente** onde for caso disso. Se por outro lado a função lidar apenas com valores não-musicais, a sua execução irá seguir o modelo tradicional (onde a função termina a sua execução antes de retornar o controlo ao local onde foi chamada).

3.1.1 Gramática da Linguagem

```

V70 L1 T120;

fun melody () {
  V120;

  r/4 ^g/4 ^g/4 ^g/4;
  ^f/2 e/8 ^d3/8;
  ^c2;
}

fun accomp () {
  V50; sustainoff();

  ^Cm;
  BM;
  AM;
}

# Create the notes from a melody with a piano and accompany it with a violin in parallel
$notes = :piano melody() | :violin accomp();

# Play the notes twice
play( $notes * 2 );

# Now an example of the keyboard. We can declare variables to hold state
$octave = 0;

$keyboard = @keyboard hold extend (v120) {
  # Keys can be declared to play notes
  a: C; s: D; d: E; f: F; g: G; h: A; j: B;
  # Or chords
  1: ^Cm; 2: BM; 3: AM;

  # Or any other expression, including code blocks that change the state
  z: { $octave = $octave - 1; };
  x: { $octave = $octave + 1; };
}

# The set_transform function allows changing all events before they are emitted by this keyboard
$keyboard::set_transform( $events => transpose( $events, octave = $octave ) );

```

Listing 3.1: Exemplo da sintaxe proposta da linguagem

O desenho da gramática da linguagem é composto aproximadamente por três partes, todas elas interligadas entre si.

INSTRUÇÕES E DECLARAÇÕES Similar a quase todas as linguagens de programação, esta parte cobre a declaração de funções, variáveis, operadores e expressões em geral.

ACOMPANHAMENTOS MÚSICAIS Um tipo de expressões especial, que em vez de produzir números ou *strings* literais, reconhece expressões musicais (notas, acordes, etc).

TECLADOS VIRTUAIS Açúcar sintático para facilitar a declaração de teclados virtuais. Para além de alguns construtores próprios, faz uso das expressões gerais e de acompanhamentos musicais descritas acima.

Instruções e Expressões

As instruções e expressões da gramática são baseadas nas linguagens como C e JavaScript. Chavetas são usadas para delinear blocos de código. As variáveis são prefixadas com um dólar (\$) para prevenir ambiguidades com notas musicais. Cada instrução é separada com um ponto e vírgula (;) a menos que sejam blocos de código que terminem com o fechar de chavetas. Os parâmetros de funções são separados por vírgulas, mas como as vírgulas também são usadas para indicar a descida de oitava nas notas, o ponto e vírgula (;) pode ser usado nesses casos para prevenir ambiguidades.

Em termos de instruções suportadas, a linguagem irá ter as usuais:

DECLARAÇÃO DE FUNÇÕES `fun function_name ($arg1, $arg2, <...>) { }`

CICLOS WHILE `while <condition> { }`

CICLOS FOR `for $var in <expr> { }`

CONDICIONAIS IF `if <condition> { } else { }`

ATRIBUIÇÕES A VARIÁVEIS `$var = <expr>;`

CHAMADA DE FUNÇÕES `function_name(<arg1>, <arg2>, <...>);`

Acompanhamentos Musicais

A gramática de expressões ou acompanhamentos musicais tem como base fundamental os seguintes blocos: notas, pausas e modificadores. As notas são identificadas pelas letras A até G, seguindo a notação de *Helmholtz*^[16] para denotar as respetivas oitavas. Podem também ser seguidas de um número ou de uma fração, indicando a duração da nota.

Exemplos de notas

C,, C, C c c' c'' c''' c'/4 A1/4 B2

As notas podem depois ser compostas **sequencialmente** (como demonstrado em cima, em que cada nota avança o tempo pelo valor da sua duração) ou em **paralelo** (separados por uma barra vertical |, criando uma bifurcação do contexto em dois, que irão correr em paralelo). Devemos notar que o operador paralelo tem a menor precedência de todos, pelo que não é necessário agrupar as notas com parênteses quando se usa. Isto é, as duas expressões seguintes são equivalentes.

A B C | D E F
(A B C) | (D E F)

É também possível agrupar estes blocos com recurso a parênteses. Os grupos herdam o contexto da expressão superior, mas as modificações ao seu contexto permanecem locais. Isto permite, por exemplo, modificar configurações para apenas um conjunto restrito de notas. No exemplo seguinte, a velocidade da nota C é 70, mas para o grupo de notas A B a velocidade é 127.

v70 (v127 A B) C

Os modificadores disponíveis são:

VELOCITY A velocidade das notas, tendo o formato [vV][0-9]+.

DURAÇÃO A duração das notas, tendo o formato [lL][0-9]+ ou [lL][0-9]+/[0-9]+.

TEMPO O número de batidas por minuto (BPM) que definem a velocidade a que as notas são tocadas, tendo o formato [tT][0-9]+.

ASSINATURA DE TEMPO Define a assinatura de tempo, que define o tipo de batida da música e o comprimento de uma barra na pauta musical. Tem o formato [sS][0-9]+/[0-9].

É também possível definir qual o instrumento a ser utilizado para as notas. Todas as notas pertencentes ao mesmo contexto depois do modificador utilizarão esse instrumento.


```
(:cello A F | :violin A D)
```

Para além destas funcionalidades, também existe algum açúcar sintático para algumas das tarefas mais comuns na construção de acompanhamentos, como tocar acordes ou repetir padrões.

```
( [BG]*2 [B2G2] ) *3
```

Teclados Virtuais

Para além de permitir declarar acompanhamentos musicais para serem tocados automaticamente, a linguagem permite declarar teclados virtuais. Associados às teclas do teclado podem estar notas, acordes, melodias, ou qualquer outro tipo de expressão suportado pela linguagem.

```
$keyboard = @keyboard [modifier1...] (:violin v120) {
  # Keys can be declared to play notes, cords or anything else
  a: C;
  l: ^Cm;
  ctrl+z: sustainoff();
  ctrl+x: sustainon();
}
```

Listing 3.2: Exemplo da sintaxe proposta da linguagem

Cada teclado aceita opcionalmente uma lista de modificadores, tais como:

HOLD Começa a tocar quando a tecla é premida e acaba de tocar quando é solta

TOGGLE Começa a tocar quando a tecla é premida, e acaba de tocar quando ela é premida novamente

REPEAT Quando a nota/acorde/música fornecida acaba de tocar, repete-a indefinidamente

EXTEND Em vez de tocar as notas de acordo com a sua duração, estende-as todas até a tecla ser levantada/premida novamente (quando usado em conjunto com **hold** ou **toggle**, respetivamente)

Também é possível passar uma expressão opcional entre parênteses que irá ser aplicada a todas as notas do teclado (no exemplo acima especificando um instrumento e o volume das notas com (:violin v120)), evitando assim ter de a repetir em vários sítios.

Para além disso, será possível controlar muitos mais aspetos do teclado atribuindo-o a uma variável e chamando funções a partir daí, como por exemplo efetuar transformações nos eventos e notas emitidos, ou simular o carregar e soltar das teclas.

```
# The set_transform function allows changing all events before they are emitted by this keyboard
$keyboard::set_transform( $events => transpose( $events, octave = $octave ) );
# It is possible to synchronize the keyboard with a grid to align the timings of key presses
# and releases to said grid
$keyboard::set_grid( Grid::new( 1, 4 ) );
# We can also control the keys manually
$keyboard::start( "ctrl+z" );
$keyboard::stop_all();
```

Listing 3.3: Exemplo da sintaxe proposta da linguagem

3.1.2 Arquitetura do Sistema

O sistema irá ser composto por um interpretador de linguagem desenvolvido em Python, acompanhado por uma interface de linha de comandos que faça uso do interpretador.

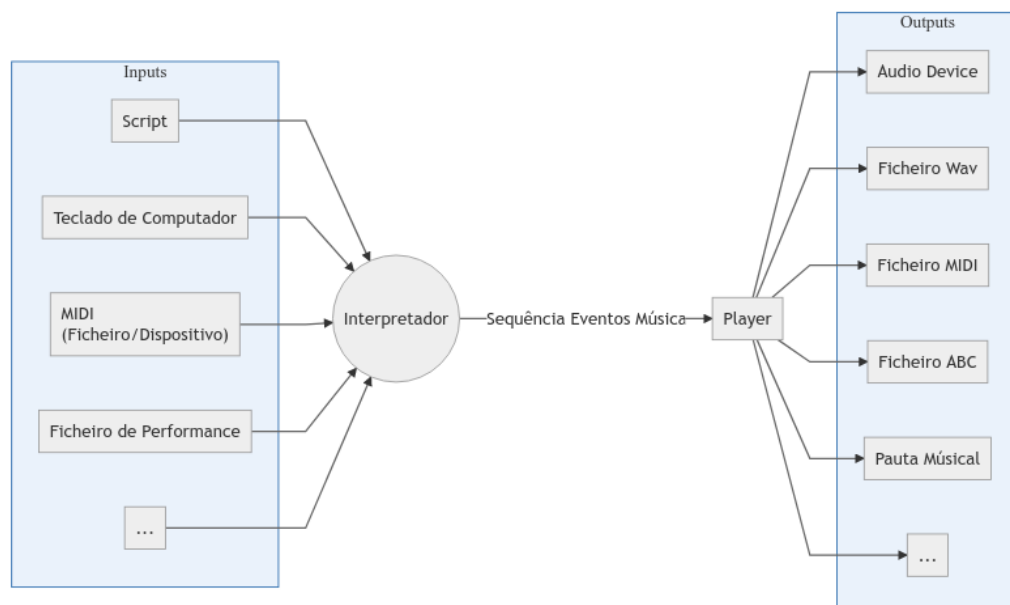


Figure 1: Arquitectura Geral do Projeto

O interpretador receberá um *script* obrigatório como input. Esse input poderá depois determinar quais os *inputs* (opcionais) que irá usar, como o teclado do computador, ficheiros ou teclados [MIDI](#), ficheiros de performance (gravações de reproduções anteriores consistindo nos eventos em que as teclas foram premidas).

Os eventos gerados pelo *script* e os restantes *inputs* serão depois redirecionados para os diversos *outputs*, que podem ser as colunas do dispositivo, ficheiros [WAV](#) ou [MIDI](#), ficheiros em formato PDF com a pauta musical, entre outros.

Toda a linguagem irá ser desenvolvida com extensibilidade em mente nos seguintes pontos:

INPUTS Permitir a criação de novos *inputs*, como estar à espera de mensagens por um *socket* ou de outros processos do computador.

EVENTOS A linguagem já disponibiliza uma variedade de eventos multimédia (como reproduzir notas, sons genéricos, ou mensagens para controlar dispositivos [MIDI](#)). Mas o objetivo é que criar e emitir eventos customizados seja extremamente simples (e feito com uma só linha de código por evento, no mínimo). Obviamente, nem todos os eventos são suportados por todos os outputs (por exemplo, um ficheiro ABC não pode reproduzir um ficheiro [WAV](#)), mas neste caso os diversos *outputs* irão simplesmente ignorar os eventos que não estejam preparados para lidar.

OUTPUTS Para além dos *outputs* embutidos, permitir criar novos, tanto para outros formatos musicais, mas também para outros fins como controlar luzes, vídeo e imagens através da linguagem (em conjunto com os eventos personalizados) e permitir assim executar espectáculos multimédia completos a partir da linguagem.

BIBLIOTECAS Expôr funções, variáveis e objetos adicionais, bem como possivelmente acrescentar dinamicamente sintaxe à linguagem (através de macros).

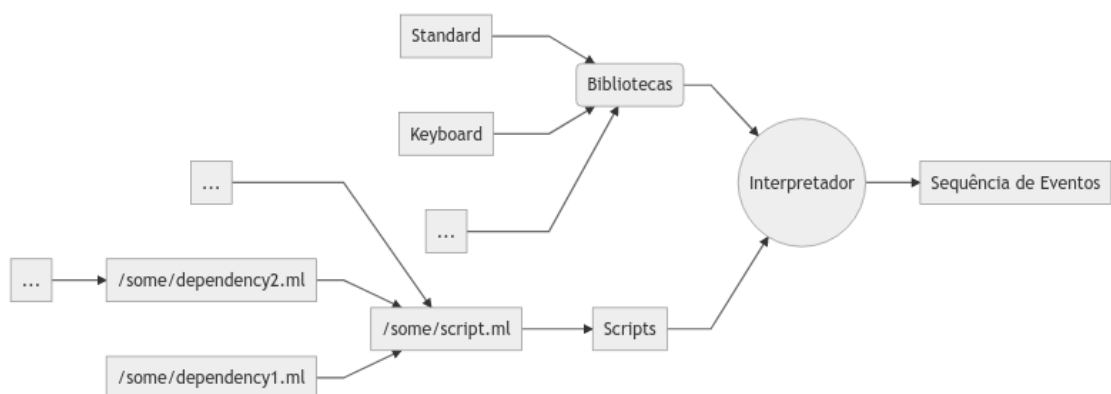


Figure 2: Arquitectura do Interpretador

O facto de a linguagem ser desenvolvida em *Python* significa que é extremamente prático estender a mesma devido a:

- Ubiquidade da linguagem Python tanto para programadores experientes como para iniciantes;
- Não ser necessário compilar o código para o executar;
- Sintaxe e expressividade da linguagem (apesar de vezes isso incorrer num custo de performance);
- Existência de *bindings* para bibliotecas desenvolvidas em C/C++ (como *numpy*), optimizadas para inúmeras tarefas que necessitem de maior *performance*/menor latência, que mesmo assim expõem uma interface agradável de usar em *Python*;

PLANEAMENTO

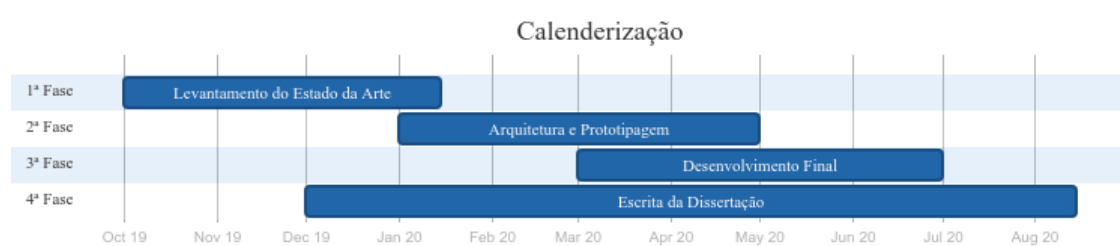


Figure 3: Calenderização Prevista

CONCLUSION

Conclusions and future work.

5.1 CONCLUSIONS

5.2 PROSPECT FOR FUTURE WORK

BIBLIOGRAPHY

- [1] alda. <https://alda.io/>.
- [2] Abc notation. <http://abcnotation.com/>.
- [3] Abc notation standard v2.1, 2011.
- [4] Abc notation examples, 2011.
- [5] Faust. <https://faust.grame.fr/>.
- [6] Faust targets. <https://faust.grame.fr/doc/manual/#a-quick-tour-of-the-faust-targets>.
- [7] Faust libraries. <https://faust.grame.fr/doc/libraries/>.
- [8] Faust examples. <https://faust.grame.fr/doc/libraries/>.
- [9] Faust quick start. <https://faust.grame.fr/doc/examples/index.html>.
- [10] Sonic pi. <https://sonic-pi.net/>.
- [11] Sonic pi fx cheatsheet. <https://github.com/samaaron/sonic-pi/blob/master/etc/doc/cheatsheets/fx.md>.
- [12] Dangling else. https://en.wikipedia.org/wiki/Dangling_else.
- [13] Soundfont technical specification. <http://www.synthfont.com/sfspec24.pdf>, February 2006.
- [14] Nathan Whitehead. pyfluidsynth. <https://github.com/nwhitehead/pyfluidsynth>, 2019.
- [15] Fluidsynth settings. <http://www.fluidsynth.org/api/fluidsettings.xml>.
- [16] Helmholtz pitch notation. https://en.wikipedia.org/wiki/Helmholtz_pitch_notation.



SUPPORT MATERIAL

Auxiliary results which are not main-stream; or

Details of results whose length would compromise readability of main text; or

Specifications and Code Listings: should this be the case; or

Tooling: Should this be the case.

NB: place here information about funding, FCT project, etc in which the work is framed. Leave empty otherwise.